

Sede Trentin: falta liderança e sobra trabalho

JORNAL DE STA CATARINA - 17/01/88

Chapeco— Indígenas do Toldo Chimbangue, em Sede Trentin, continuam enfrentando problemas de disputa de lideranças, que vem dividindo a reserva, mas mesmo assim são evidentes os sinais de crescimento social de seus integrantes. A Funai, sempre criticada durante os conflitos, se afastou das discussões entre as correntes que querem o controle da reserva, deixando que os indígenas se entendam. O problema maior é a falta de lideranças firmes e experientes, explica Ademir Migliavacca, coordenador da Delegacia da Funai em Chapeco. No ano passado foram investidos mais de Cz\$ 1 milhão em benfeitorias e projetos. Este ano, através de novos convênios, serão investidos mais alguns milhões em projetos que incluem apicultura, piscicultura, avicultura, suinocultura e hortigranjeiros. O objetivo é tornar a reserva auto-suficiente.

Ageu Vieira.

Na disputa dos brancos, quem perde é o índio

Desde que foi instalada a reserva indígena de Sede Trentin, em 86, a convivência de dois grupos — liderados pela Funai e pelo Cimi, respectivamente, nunca chegou a ser pacífica. Os defensores da Funai, ligados ao cacique Clemente Fortes do Nascimento eram poucos, a maioria descendentes diretos dos caingangues que sempre habitaram a região, mas tinham o apoio de todas as demais reservas do Sul do País. Os que defendiam a ação do Cimi — Conselho Indigenista Missionário, mais arrojados, em maior número, foram acusados de não serem índios, mas mestiços, e buscaram sempre o confronto com a Funai.

Com a morte de Clemente Fortes do Nascimento, em dezembro passado, a disputa voltou aos noticiários. Novas acusações são feitas à Funai. Mas o grupo de índios "puros" defende a ação do órgão.

Atualmente a disputa está sendo desenvolvida entre Antônio Pedroso Caingangue, reconhecido como cacique pela Funai, e Sebastião da Veiga, indígena de terceira geração, casado com uma mulher branca. Sebastião, na semana passada, foi à televisão para denunciar que a Funai não estaria prestando assistência à comunidade indígena. A Funai rebate dizendo que a assistência é prestada e comprova com o registro do atendimento médico à esposa do denunciante, ocorrido um dia antes da entrevista. Antônio Pedroso também confirma que existe assistência técnica, médica, odontológica e de equipamentos para a produção agropecuária.

Na briga entre as duas correntes, normalmente, quem perde é o índio. Desacreditado perante a sociedade, que vê o índio como um ser improdutivo, o caingangue sofre discriminação e críticas constan-

tes. A disputa, segundo Ademir Migliavacca, da Funai, deverá ser resolvida pelos próprios caingangues. "Enquanto não houver uma liderança bem formada vai ser esse rolo", explica o indigenista.

A busca da união e o repúdio à violência

O atual cacique, Antônio Pedroso Caingangue, casado, pai de duas filhas, 28 anos, assumiu o posto de cacique depois da morte de Clemente Fortes do Nascimento, o último indígena reconhecidamente descendente da tribo de Vitorino Condá, que habitou as terras do oeste, no século passado. "Eu tenho a intenção de trabalhar e levar à comunidade a conquista de tudo o que ela merece", promete o cacique.

Na simplicidade típica dos indígenas, Antônio Pedroso procura esquecer as divergências e pede o fim das críticas à comunidade indígena e ao trabalho da Funai. "Eu acho que o que nós temos que fazer é se unir e trabalhar. Mostrar um futuro, e não ficar ouvindo pessoas que não entendem a questão do índio servindo apenas para criticar ou criar violência. Quem vai ficar atrasado é a comunidade indígena", diz o cacique, deixando claro que as entidades que dão apoio aos caingangues, são bem-vindas.

As críticas feitas pela imprensa, segundo o cacique são exageradas. "Precisamos buscar o que nós precisamos para nossos filhos, né?", afirma Antônio Pedroso. Ele evita discutir as divergências entre a Funai e o Cimi, procurando apaziguar os ânimos entre as duas correntes.

Em 86, segundo inquérito administrativo instaurado na delegacia de Chapeco, a Funai participou ativamente das disputas, inclusive determinando uma invasão à reserva, que resultou em indígenas feridos. Noutra oportunidade, o próprio cacique, Clemente Fortes do Nascimento foi ameaçado de morte pelos seguidores do Cimi. A disputa, agora, é



As mulheres e crianças trabalham duro nas plantações.



Muitos projetos estão sendo desenvolvidos na reserva para que alcance sua auto-suficiência

bem mais calma. Não existem ameaças de morte ou agressões. A Funai presta a assistência necessária, mantém um posto na reserva, mas não se envolve nas brigas dos indígenas, para evitar o acirramento dos ânimos,



Agora a reserva vive em paz, apesar de continuar a disputa de lideranças.

que poderia levar a novo conflito.

Em 88, abelhas, aves, peixes, suínos e lavouras...

Os índios estão desenvolvendo um sistema de produção muito diferente de tudo o que se conhece no sistema capitalista dos brancos. A área de 912 hectares destinada aos índios está sendo utilizada pelos 170 moradores (homens, mulheres e crianças) num sistema cooperativo rudimentar. Não existem divisas entre as propriedades de cada família. Os índios plantam exclusivamente para o consumo e como matéria-prima para a criação de suínos e aves. Também existe uma área de plantio comunitário, cujo resultado é vendido na cidade, para angariar fundos destinados à manutenção e compra de viveres que não são produzidos em Sede Trentin. Em 87, segundo dados fornecidos pela Funai, os índios plantaram 50 sacas de milho, 15 de feijão e sete de arroz. Através de um convênio com a LBA — Legião Brasileira de Assistência, foram aplicados Cz\$ 1,1 milhão na implantação de sete programas, que terão sequência em 88, com a liberação de outro volume idêntico de recursos.

Na área de piscicultura foram melhorados os açudes já existentes, ainda da época em que os colonos residiam em Sede Trentin. Também foram implantados novos açudes e adquiridos alevinos que até o final deste semestre estarão produzindo carpas para consumo da comunidade. No projeto de apicultura, todo o material necessário já foi adquirido. Foram compradas caixas, roupas especiais e até uma centrífuga para a limpeza do mel. Também o projeto de desenvolvimento hortigranjeiro está em andamento. A Funai adquiriu sementes, regadores e todo o equipamento necessário para a produção de legumes e hortaliças. Outro projeto em execução é destinado às mulheres: corte e costura. Já foram implantados projetos semelhantes em Palmas e na Reserva Chapeco, situada em Xanxerê. Para 89, a Funai prevê a implantação em Nonoai e Ibirama. O projeto de avicultura está em fase de implantação. A área já foi terraplenada para a construção de aviários, que serão financiados pela própria comunidade. A Funai vai fornecer equipamento, ração e pintos. O projeto referente à suinocultura só será iniciado após a liberação da segunda parcela dos recursos da LBA.

O objetivo de todo esse trabalho, segundo Migliavacca, é deixar o índio o maior tempo possível dentro da reserva. "É preciso deixá-lo auto-suficiente. Quanto menos ele depender do branco, melhor para ele e para nós", complementou.

O índio vai à escola... (aprender a língua caingangue!!!)

Para 88, a Funai pretende desenvolver ainda outro projeto, na área cultural, para preservar a identidade indígena dos caingangues de Sede Trentin. As crianças, atualmente, estão recebendo educação regular através da escola municipal da reserva. Para este ano, o objetivo é trazer uma professora de Brasília, para aulas da língua caingangue, como explicou o cacique Antônio Pedroso.

Além do setor educacional a Funai mantém na reserva uma farmácia, uma enfermeira, e diariamente são enviadas viaturas para o transporte de alimentos e doentes, que são atendidos gratuitamente em Chapeco. A assistência inclui médicos, dentistas e hospitais.